

O TOPOS MEFISTOTÉLICO PRESENTE N'A RELÍQUIA DE EÇA DE QUEIRÓS.

Cláudia Ramos Carioca¹

Resumo

Este trabalho objetiva evidenciar o topos mefistotélico presente n'A Relíquia de Eça de Queirós, pois a concepção maléfica do ser faz-se presente em cada personagem criado para essa história, por isso a obra é tida como uma sátira à hipocrisia religiosa da sociedade burguesa lusitana contemporânea de Eça.

Palavras-chave: topos mefistotélico; Eça de Queirós; hipocrisia; conduta humana.

Abstract

This paper aims to prove the topos mefistotélico inside in Eça de Queirós' A Relíquia, because the malicious idea about the human being is in each character created to the story, therefore the work is known like a satire about religious hypocrisy from lusitanian bourgeois society in the Eça times.

Key words: topos mefistotélico; Eça de Queirós; hypocrisy; behaviour; malicious idea.

Publicado em 1887, *A Relíquia* é um romance que se destaca na obra de Eça de Queirós pela caracterização sobrenatural que o autor utiliza em sua composição, rompendo com o ideal da escola realista-naturalista quando, em certos aspectos, percebe-se a intercalação de um tipo de narrativa quase surrealista- os sonhos de Teodorico – a misturar-se com a narrativa-padrão.

A concepção maléfica do ser faz-se presente em cada personagem criado para essa história, por isso a obra é tida como uma sátira à hipocrisia religiosa da sociedade burgue-

sa lusitana contemporânea de Eça, pois todas as personagens mantêm um tipo de vida voltada para a religiosidade e, no entanto, são seres monstruosos, já que agem sem os princípios da doutrina cristã que tratam, de verdade, amor e justiça.

Sabe-se que a natureza humana é constituída de um conjunto de caracteres que sabem distinguir o Bem do Mal de maneira clara e evidente. Entretanto, esse conjunto de caracteres é corrompido pela ânsia de riqueza e poder, fazendo com que já não exista mais essa distinção e estabelecendo uma proposição de conveniências para que essa finalidade seja almejada, evidenciando então o topos mefistotélico.²

Eça de Queirós nos mostra que Teodorico Raposo – personagem principal – já estava corrompido espiritualmente pela constante confirmação ao longo de toda a obra da sua obstinação pelo ouro e o dinheiro de sua Titi- como todas as outras personagens também estavam – o que explicam a sua total comodidade por estar ao lado do ser maligno, conforme observamos no sonho onde acontece a materialização de Fausto, deixando-nos bem claro a relação singular de intimidade da personagem com o próprio Mal encarnado. Senão vejamos:

E o diabo, olhando para mim, pensativo: “Consummatum est, amigo! Mais outro deus! Mais outra religião! E esta vai espalhar em terra e céu um inenarrável tédio”. E logo, levando-me pela colina abaixo, o diabo rompeu a contar-me animadamente os cultos, as festas, as religiões floresciam na sua mocidade.

Mas aparecera este carpinteiro da Galiléia, e logo tudo acabara! A face humana tomava-se para Sempre pálida cheia de mortificação; uma cruz escura, esmagando a terra, secava o esplendor das rosas, tirava o sabor aos beijos; e era grata ao deus novo a fealdade das formas. “Deixe estar, ainda há de haver no mundo muito orgulho, muita prostituição, muito sangue, muito furor!...”³

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Ceará.

² Mefistófeles: Hist.Lit.Nome do espírito familiar de Fausto que aparece em todas as versões literárias desta lenda, embora com características diferentes. Herdou a sua personalidade tanto da demonologia cristã, na qual figura como um dos 7 principais demônios, como da tradição germânica pagã do duende ou espírito do mal. (Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol 13, p.187).

³ Eça de Queirós, *A Relíquia*, Ática, pp. 75-76.

Percebe-se o quanto a religião cristã é dessacralizada por meio destas palavras e, ao contrário, a manifestação que permeia os valores religiosos da Antiguidade Clássica, sendo que estes exaltam implicitamente a demonologia. E é com essa pactualidade demoníaca e profanando a religiosidade que Teodorico permanece com a finalidade única de herdar todos os bens de sua tia, não medindo esforços para demonstrar sua carolice diante de tudo o que era sagrado para ela, sem, no entanto, jamais alcançar o nível do verdadeiro *homos religiosus*, mas sim, compondo uma personagem voltada exclusivamente a saciar suas vontades luxuriantes e ao enriquecimento ilícito.

Todas as personagens da obra em estudo são caracterizadas por seus espíritos corrompidos pela ambição e pelo fascínio do dinheiro fácil. Não se encontra nenhuma que escape a essa caracterização através do maléfico; logo, verifica-se como o Mal predomina constantemente na obra eciana. Assim, percebe-se um ideal determinista que preceitua o Naturalismo, quando Teodorico, por rodear-se de pessoas dessa natureza, não poderia deixar de ser diferente, conforme nos afirma Roberto Pontes:

*Ora, o meio em que se educa Teodorico responde e obedece a Mefistófeles. Qual poderá ser a formação moral de Teodorico vivendo em contato com um ambiente fáustico, se não aquela que lhe passam o Sr. Matias e os demais convivas do círculo de amizade de D. Patrocínio?*⁴

A quem haveria de culpar pela sua desgraça? Se não o único ser que ele acha culpável pelas suas “aflições”? É claro que ele culpa a Cristo, e não ao verdadeiro infrator, ele mesmo, que se deixou influenciar negativamente. Sua queixa é de caráter estritamente hipócrita, conforme pode-se denotar:

*– Sim, foste tu que transformaste ante os olhos devotos da titi a coroa de espinhos da tua lenda – na camisa suja da Mary!... E porquê? Que te fiz eu? Deus ingrato e variável! Onde, quando gozaste tu devoção mais perfeita?...*⁵

Com o reconhecimento de seu disfarce a personagem não desiste de enriquecer mediante conduta hipócrita similar e continua seu pacto com o demônio através de suas atitudes, cada vez mais premeditadas e eficientes, as quais desembocam num casamento com uma moça ‘velha e feia’, mas que lhe convém financeiramente.

A lógica do Mal presente na obra é bastante eficaz e alcança imediatamente a proposta objetivada por Eça de Queirós, que era moralizar a sociedade vigente de sua época, a qual se tornara corrompida e corrompia a quem nela estivesse. O comentário de Beatriz Berrini ratifica essa colocação: “A contaminação é permanente. Teodorico, com efeito, vive na

intersecção de um mundo sagrado tradicional, que deixou marcas profundas na sua personalidade, com um mundo dessacralizado, peculiar à sociedade moderna.”⁶ Portanto, o autor utilizou essa vertente maligna para demonstrar que nenhum pacto com o demônio leva a uma vida de harmonia completa com riqueza e poder sem corromper a alma. A luta constante entre o Bem e o Mal é o que constitui o direcionamento da conduta humana e, por isso, permite a escolha entre cada uma dessas filosofias de vida, uma benigna, outra, maligna.

E é da queixa de Teodorico que Eça de Queirós nos proporciona um belíssimo episódio filosófico de reconhecimento da verdade, quando este execra a Cristo e profana, uma vez mais – tendo convicção do seu pecado, pois que usa o verbo profanar –, origina-se uma querela entre Bem e Mal, que finalizará na alusão à inutilidade da hipocrisia e na retomada de Consciência por parte da personagem:

*Mas emudeci... Aquela inefável voz ressoava ainda em minha alma, mastrando-me a inutilidade da hipocrisia. Consultei a minha consciência, que reentrara dentro de mim – e bem certo de não acreditar que Jesus fosse filho de Deus e de uma mulher casada da Galiléia (como Hércules era filho de Júpiter e de uma mulher casada da Argólida⁷) – cuspi dos meus lábios, tornando para sempre verdadeiros, o resto inútil da oração.*⁸

Desse modo, percebe-se que a formação do espírito do homem é de fundamental importância para que este aprenda e compreenda as regras estabelecidas para sua conduta, seja por outras pessoas ou por ele mesmo, pois é necessário que as suas ações sejam direcionadas para que este se realize como pessoa, procurando de forma correta o verdadeiro sentido da expressão “fazer o bem sem olhar a quem”; só assim desvincular-se-á do *topos mefistotélico* e não ficará ameaçado diante de sua procura pelo bem-estar.

BIBLIOGRAFIA

BERRINI, Beatriz. Portugal de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

_____. O mundo de Eça de Queirós. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação Cultural Brasil – Portugal; Bradesco, 1985.

CIDADE, Hernani. Século XIX: a revolução cultural em Portugal e alguns de seus mestres. Lisboa: Presença, 1985.

ENCICLOPÉDIA Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa: Verbo, [s.d.]. (v. 08).

_____. Lisboa: Verbo, [s.d.]. (v. 13).

PONTES, Roberto. “Três variações de Mefisto em Eça. Rio de Janeiro, 1996. Ensaio – Pós-doutorado – PUC.

QUEIRÓS, Eça de. A Relíquia. São Paulo: Ática, 1999.

⁴ Ensaio “Três variações de Mefisto em Eça”, p. 6.

⁵ Op. Cit. p. 216.

⁶ Beatriz Berrini, *Portugal de Eça de Queirós*, p. 243.

⁷ Alcmena, mulher de Anfitrião.

⁸ Op. Cit. p. 219.